

# Relações internacionais

## As exportações gaúchas em 2006: crescimento apesar das dificuldades\*

Teresinha da Silva Bello\*\*

Economista da FEE

Sônia Unikowsky Teruchkin\*\*

Economista da FEE

### Introdução

O presente texto analisa as exportações do Rio Grande do Sul de janeiro a novembro de 2006, último mês com os dados disponíveis por ocasião da sua elaboração. Desse modo, toda referência a 2006 conterà as informações somente até o penúltimo mês do ano, o mesmo ocorrendo para 2005, quando referido, permitindo, assim, uma equivalência de períodos.

A primeira parte enfoca as exportações do Estado de modo global, contendo uma análise das vendas externas por categoria de uso e por fator agregado. A segunda analisa os principais produtos exportados pelo RS, com seus destinos mais representativos, ao longo de 2006. E a terceira apresenta as **Considerações finais**.

### 1 Visão geral das exportações

Em 2006, da mesma forma como ocorreu em 2005, as exportações do RS cresceram menos do que as do Brasil, embora a um percentual mais próximo do brasileiro, diferentemente do ocorrido no ano anterior. Enquanto, até o penúltimo mês de 2005, as vendas externas do RS apresentaram um acréscimo de apenas 5,0%, e as do

Brasil elevaram-se em 23,1%, em 2006 o incremento nas exportações gaúchas, até novembro, foi de 13,5%, contra os 16,6% de variação registrados pelo País. Destaque-se, porém, que esse aumento das exportações do Estado ocorreu sobre uma base de comparação relativamente baixa, tendo em vista o fraco desempenho das exportações gaúchas em 2005.

Com uma receita de US\$ 10,732 bilhões, as vendas do RS ao exterior, entretanto, mantiveram uma participação no total das exportações brasileiras de 8,6%, semelhante àquela registrada em 2005 (8,8%), mas ambas inferiores aos 10,3% registrados em 2004. O Estado também se manteve como o terceiro maior exportador do Brasil, atrás apenas de São Paulo e Minas Gerais.

Diferentemente de 2005, quando se registrou uma forte queda na safra agrícola, devido à estiagem, em 2006 os prejuízos decorrentes das condições climáticas ficaram reduzidos a algumas áreas do Estado e perderam o caráter dramático observado no ano anterior. Entretanto a continuada valorização cambial afetou as exportações do RS de modo mais sério, tendo em vista o perfil das vendas externas do Estado, com uma grande intensidade no uso do fator trabalho e uma menor dependência de insumos importados, como é o caso dos setores de calçados e de móveis, onde parcela substancial do custo de produção não está atrelada ao dólar.

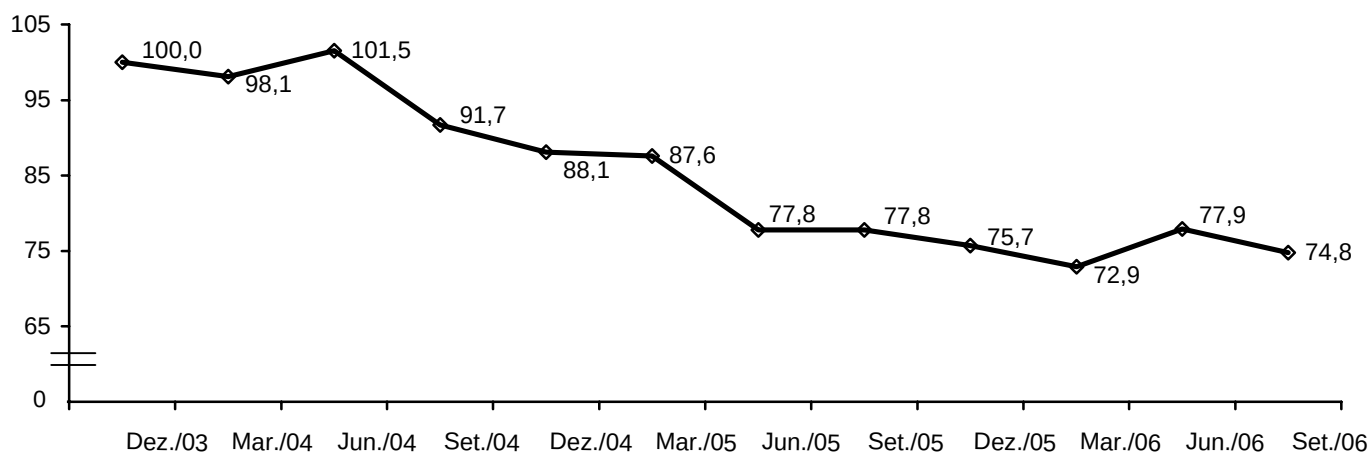
Embora o câmbio já se venha valorizando desde a segunda metade de 2004, em 2006 essa valorização acentuou-se, conforme pode ser visto no Gráfico 1, dificultando, com isso, o desempenho das exportações gaúchas, que só apresentou bons resultados devido à recuperação nas vendas da soja (grãos e óleo), das carnes (suína e bovina) e do óleo diesel, dentre os principais produtos exportados pelo RS.

\* Artigo recebido em 08 jan. 2007.

\*\* As autoras agradecem os comentários e as contribuições dos Economistas Álvaro Antônio Louzada Garcia e Beky Moron de Macadar, bem como, ao estagiário Anderson Casa Nova, a elaboração das tabelas.

Gráfico 1

Índice da taxa de câmbio efetiva real no Brasil — dez./03-set./06



FONTE: Fundação Centro de Estudos de Comércio Exterior (Funcex).

NOTA: 1. Índice calculado com base nas taxas de câmbio reais de 13 países, ponderadas pela participação média de cada país na corrente de comércio brasileira.

2. Cesta de 13 moedas: Zona do euro, EUA, Argentina, China, Japão, México, Chile, Reino Unido, Coréia do Sul, Rússia, Canadá, Paraguai e Uruguai.

3. Índices deflacionados pelo IPA.

## 1.1 As exportações por categoria de uso

Analisando-se as exportações gaúchas por categoria de uso, é possível constatar um aumento na participação dos bens intermediários, que novamente voltaram a representar mais da metade das vendas externas do RS. No ano de 2005, essa categoria havia perdido espaço, devido à queda nas vendas de alimentos e bebidas destinados à indústria, em função da estiagem. Em 2006, porém, houve uma forte retomada nas exportações desse item, com um acréscimo nas vendas de 20,4%, o que elevou sua participação de 48,9% no ano anterior para 51,9% em 2006. Por outro lado, os insumos industriais — principal item dos bens intermediários — perderam representatividade na pauta, já que suas vendas externas cresceram apenas 4,9% entre janeiro e novembro de 2006.

Já os bens de consumo, ao contrário dos bens intermediários, perderam participação, principalmente devido ao menor desempenho dos bens de consumo não duráveis, dentre os quais se incluem os calçados, cuja performance deixou a desejar em 2006. Desse modo, os

bens de consumo, que, de janeiro a novembro de 2005, representaram 33,7% do total exportado pelo Estado, em igual período de 2006, responderam por 32,7% das vendas gaúchas ao exterior.

Com os bens de capital, a situação ficou ainda pior, visto que registraram uma queda de 9,6% no valor exportado, fato que tem sido apontado como uma consequência da valorização do real frente às demais moedas. Com isso, sua participação nas vendas totais do Estado para o exterior reduziu-se, passando de 15,0% em 2005 para 11,9% no ano seguinte.

Combustíveis e lubrificantes foi a categoria com maior percentual de aumento nas suas receitas, graças ao aumento na quantidade embarcada e no preço do petróleo. Assim, sua participação na pauta de exportações do RS elevou-se de 1,2% em 2005 para 1,7% em 2006. Tal comportamento deveu-se ao excelente desempenho das vendas de óleo diesel, que, até novembro, registraram um incremento de 77,3% em suas receitas de exportação.

## 1.2 As exportações por fator agregado

Ao se analisarem as exportações do RS por fator agregado, observa-se que, em 2006, ao contrário de 2005, o impulso nas vendas foi devido aos produtos básicos, cujas receitas em dólar aumentaram 28,3% em relação ao ano anterior, enquanto os produtos industrializados apresentaram um incremento nas vendas de apenas 6,0%, devido ao fraco desempenho dos produtos manufaturados. Estes registraram um acréscimo de apenas 3,2% no período em análise, enquanto os semimanufaturados tiveram um aumento nas receitas da ordem de 23,2%. Com isso, enquanto a participação dos produtos básicos no total exportado pelo Estado aumentou, passando para 34,7%, os produtos industrializados diminuíram sua representatividade e, em 2006, foram responsáveis por 63,5% das vendas totais do RS ao exterior, com os manufaturados representando 53,2%. Dentre os produtos básicos, cabe destacar-se a recuperação das vendas de soja em grão e de carnes suína e bovina. Em contrapartida, o fumo, principal produto básico exportado pelo RS em 2006, teve uma perda de receita da ordem de 9,2%, decorrente das menores quantidades embarcadas. Também a carne de frango teve queda nas vendas externas, devido, principalmente, à forte redução no volume exportado.

Em relação aos produtos manufaturados, onde se destacam, pelo valor exportado, calçados, tratores, máquinas agrícolas e plásticos, verificou-se que o seu desempenho, ao longo de 2006, deixou a desejar, em grande parte devido à política cambial.

Uma análise mais detalhada dos principais produtos exportados pelo RS, bem como dos principais destinos das exportações gaúchas, será feita a seguir.

A seguir, é feita uma breve análise dos principais produtos comercializados no exterior pelo RS, considerando o valor das vendas. Na Tabela 1, apresenta-se o valor dos mesmos, que, em geral, são agregações a quatro dígitos da Nomenclatura Comum do Mercosul (NCM), exceto para as carnes de frango — desagregação das carnes de aves.

## 2 Principais produtos exportados

Analisando-se as exportações do RS nos primeiros 11 meses de 2006, em relação ao mesmo período do ano anterior, verifica-se que os produtos que apresentaram as maiores taxas de crescimento foram: a soja em grãos, a carne bovina, a carne suína e os óleos de petróleo. Já os tratores, as máquinas agrícolas, a carne de frango, os calçados de couro, bem como o fumo não manufaturado, tiveram taxas negativas de crescimento nas vendas externas.

Tabela 1

Valor e variação percentual, por subcapítulos da Nomenclatura Comum do Mercosul, das exportações do Rio Grande do Sul — jan.-nov./06

| CÓDIGOS E SUBCAPÍTULOS                                                                           | VALOR (US\$ 1 000 FOB) | VARIAÇÃO % 2006/2005 | PRINCIPAIS MERCADOS                                                               |
|--------------------------------------------------------------------------------------------------|------------------------|----------------------|-----------------------------------------------------------------------------------|
| 2401 Fumo não manufaturado .....                                                                 | 1 132 896              | -9,18                | Bélgica (21,1%), EUA (17,1%), Alemanha (9,5%) e Holanda (6,9%)                    |
| 6403 Calçados de couro natural .....                                                             | 1 009 119              | -3,41                | EUA (54,5%), Reino Unido (14,1%), Itália (3,9%) e Canadá (3,8%)                   |
| 1201 Soja, mesmo triturada .....                                                                 | 708 633                | 557,49               | China (56,2%), Irã (14,4%), Taiwan (7,7%) e Emirados Árabes (3,3%)                |
| 02071 Carne de frango .....                                                                      | 609 018                | -15,90               | Japão (14,5%), Arábia Saudita (11,9%), Emirados Árabes (7,9%) e Holanda (6,6%)    |
| 0203 Carne suína .....                                                                           | 516 544                | 102,30               | Rússia (90,5%), Hong Kong (1,9%), Cingapura (1,5%) e Argentina (1,3%)             |
| 3901 Polímeros de etileno em formas primárias .....                                              | 510 232                | 16,40                | Argentina (31,9%), Chile (15,2%), EUA (4,7%) e Bélgica (4,7%)                     |
| 2304 Tortas de soja .....                                                                        | 294 234                | 15,68                | Coréia do Sul (19,7%), Austrália (14,2%), Espanha (10,4%) e Arábia Saudita (9,4%) |
| 8701 Tratores .....                                                                              | 278 773                | -26,44               | Argentina (25,5%), EUA (11,5%), México (11,0%) e Venezuela (8,6%)                 |
| 4107 Couros preparados, após curtimenta, de bovinos e de eqüídeos (couro cabado) .....           | 275 203                | 9,61                 | Hong Kong (27,4%), EUA (13,6%), China (11,9%) e Itália (4,3%)                     |
| 1507 Óleo de soja .....                                                                          | 260 996                | 57,29                | Irã (52,1%), Índia (19,9%), China (15,1%) e Bangladesh (4,2%)                     |
| 9403 Móveis e suas partes .....                                                                  | 220 423                | 3,34                 | EUA (16,8%), Reino Unido (14,1%), Chile (9,4%) e Argentina (6,5%)                 |
| 8708 Partes e acessórios para veículos .....                                                     | 208 663                | 0,68                 | EUA (33,9%), Argentina (10,3%), África do Sul (9,0%) e México (7,7%)              |
| 8707 Carrocerias para veículos .....                                                             | 201 641                | 4,05                 | México (32,5%), Chile (21,5%), África do Sul (17,8%) e Peru (9,6%)                |
| 2710 Óleos de petróleo ou de minerais betuminosos .....                                          | 185 213                | 71,21                | Paraguai (66,7%), Argentina (11,7%), Uruguai (10,3%) e EUA (8,0%)                 |
| 4104 Couros e peles de bovinos e de eqüídeos preparados ( <i>wet blue</i> e <i>crust</i> ) ..... | 170 006                | 35,32                | Itália (29,3%), Hong Kong (17,7%), EUA (14,7%) e China (9,1%)                     |
| 0202 Carne bovina .....                                                                          | 166 349                | 163,76               | Rússia (72,9%), Espanha (3,4%), Itália (3,1%) e Alemanha (2,8%)                   |
| 2902 Hidrocarbonetos cíclicos .....                                                              | 148 032                | -1,95                | EUA (53,4%), Argentina (45,8%), Uruguai (0,8%) e Bolívia (0,02%)                  |
| 8433 Máquinas e aparelhos agrícolas .....                                                        | 142 496                | -17,32               | Argentina (52,5%), EUA (7,1%), Paraguai (5,5%) e Venezuela (5,4%)                 |
| 4703 Pastas químicas de madeira ....                                                             | 117 921                | 19,08                | China (43,8%), Malásia (38,1%), Indonésia (5,9%) e Coréia do Sul (3,4%)           |
| 1602 Preparações e conservas de carne, miudezas ou de sangue                                     | 117 472                | 74,29                | Holanda (20,9%), Alemanha (20,7%), Reino Unido (15,6%) e EUA (9,0%)               |
| <b>Subtotal</b> .....                                                                            | 7 317 812              | 15,95                |                                                                                   |
| Outros .....                                                                                     | 3 414 529              | 8,53                 |                                                                                   |
| <b>TOTAL</b> .....                                                                               | 10 732 340             | 13,48                | EUA (15,4%), Argentina (9,2%), Rússia (6,5%) e China (6,5%)                       |

FONTE DOS DADOS BRUTOS: MDIC/Secex/DTIC/Sistema Alice.

## 2.1 Carnes e miudezas comestíveis

As vendas externas totais de carnes e miudezas comestíveis — principal capítulo exportado segundo a NCM — atingiram US\$ 1.409 milhões nesses 11 meses de 2006, continuando uma trajetória, no Estado, de crescimento da receita cambial (23,9%), enquanto, em nível nacional, o crescimento foi de 2,0%. As exportações de carnes brasileiras refletiram, em parte, os impactos da queda da demanda externa, em especial devido à gripe aviária e à febre aftosa. E essa queda só não foi maior devido à transferência da produção destinada ao mercado externo para unidades dos estados autorizados pelos importadores a manterem as exportações, o que favoreceu as vendas de carnes suínas e bovinas gaúchas. Já as carnes de aves perderam participação na pauta total das exportações gaúchas, passando de 8,1% para 6,1%. Dessas, destacam-se as carnes de frango, que representam 93% do valor exportado desse subcapítulo pelo Estado, cabendo o restante à venda de carnes de patos e perus. Além dessas e em muito menor valor, foram transacionadas no exterior as carnes de cavalo e as miudezas. A seguir, são analisados os principais tipos de carnes pelo valor comercializado no exterior.

### Carnes de frango

O valor das vendas externas, nos primeiros 11 meses, reduziu-se tanto no Estado (15,9%) como no Brasil (11,1%), tendo em vista uma diminuição na quantidade e no preço médio. A gripe aviária na Europa e na Ásia foi apontada como a principal causa da retração da demanda no mercado internacional. Mas o aparecimento da doença de Newcastle no Estado provocou o embargo parcial ou total do frango *in natura* por vários países, e, por conseguinte, no período em análise, só foram transacionadas carnes congeladas, em especial pedaços e miudezas, que representaram 67% das vendas.

Em outubro de 2006, o Brasil e a União Européia chegaram a um acordo sobre mudanças no sistema europeu de tarifas e cotas na importação de frango. E, a partir de abril de 2007, quando o acordo deve entrar em vigor, o Brasil terá cota de 336 mil toneladas para suas exportações de carnes de frango e peru industrializadas para a União Européia. Contudo o acordo está sujeito aos resultados da Rodada Doha, e, se a negociação para

a liberalização global do comércio cortar mais as tarifas e ampliar as cotas para frango e peru, os volumes específicos negociados para o Brasil também terão de aumentar (Moreira, 2006).

### Carnes suínas

Enquanto, no RS, o faturamento das exportações dobrou, tendo em vista o incremento da quantidade (67,3%) e do preço médio (21,0%), no Brasil as vendas caíram (13,1%), pois o acréscimo no preço médio de 5,6% não foi suficiente para compensar a queda do volume embarcado (17,7%). Tal diferença de comportamento pode ser explicada, em parte, pelo fato de que a Rússia, principal comprador de carne suína (90,5% de participação), retomou as compras do Estado, interrompidas em dezembro de 2005, em decorrência do ressurgimento da aftosa no Brasil, mantendo a suspensão para seis estados brasileiros. Mas, segundo Rocha (2006), o principal motivo do embargo é que a Rússia criou um programa de incentivo para fortalecer a sua indústria de carne suína, e os produtores temem a competição com a carne suína brasileira. Destarte, continua uma grande preocupação com a dependência das aquisições russas.

### Carne bovina

As vendas externas de carne bovina gaúcha apresentaram uma excelente *performance* de janeiro a novembro de 2006. O RS foi favorecido com o redirecionamento de parte da produção de outros Estados, impedidos de exportar, devido ao embargo (parcial ou total) de 56 países à carne brasileira, dos quais se sobressaem o Chile, a União Européia e a Rússia. Destacam-se as elevadas taxas de incremento do valor transacionado, que, no RS (163,8%), foram muito superiores às nacionais (34,8%). As carnes bovinas congeladas gaúchas representaram mais de dois terços do faturamento externo desse produto, e a principal mercadoria transacionada foi a carne desossada congelada.

O elevado crescimento nas receitas de exportação das carnes bovinas deve-se ao grande incremento tanto do volume exportado (94,1%) como dos preços (35,9%), onde a Rússia teve um destacado papel. Esse país, que, praticamente, não comprava carne bovina gaúcha, elevou suas importações em mais de 5.000% até novembro e atingiu 72,9% do valor transacionado do produto. Já o



aumento do preço se deve, de um lado, à redução da oferta mundial, onde se sobressaem os papéis do Brasil — com o embargo dos importadores — e da Argentina — que proibiu temporariamente as exportações, para conter a alta dos preços doméstico —, e, de outro, à venda de produtos de maior valor agregado.

Apesar de não pertencer ao capítulo de carnes, devem-se, ainda, destacar as preparações alimentícias de carne, miudezas e sangue (US\$ 117,9 milhões), onde se sobressaíram as vendas de preparações e conservas de frangos e de bovinos, destinadas principalmente para a União Européia.

## 2.2 Fumo não manufaturado

No RS, o faturamento com a exportação de fumo não manufaturado (US\$ 1.133 milhões), principal produto comercializado no exterior, representa a quase-totalidade das vendas externas de fumo e sucedâneos manufaturados, terceiro principal capítulo exportado segundo a NCM. Isso ocorreu porque, desde 1999, apesar de o Brasil ter ratificado a convenção de controle do tabaco, o embarque de cigarros para países da América Latina foi taxado em 150%, para evitar o contrabando.

Quando se comparam os dados de janeiro a novembro de 2006 com os de igual período de 2005, verifica-se que, enquanto, no Brasil, a *performance* foi positiva, com crescimento no faturamento de 9,8%, no Estado, houve uma perda de receita de 9,2%, apesar do elevado incremento dos preços médios, pois a redução da quantidade vendida em nível nacional (4,5%) foi menor do que em nível estadual (17,2%). A queda de produção, mais intensa na Região Sul, é atribuída à redução da safra 2005/2006, aliada à menor qualidade da oferta, em razão do clima desfavorável. O decréscimo das vendas externas no RS pode ser explicado também pela redução das exportações da Universal Leaf Tabacos — uma das principais exportadoras de fumo — em 43%, no Estado. Essa empresa, depois de quase duas décadas, voltou a processar fumo em Santa Catarina, de onde tem embarcado o produto.

Os principais mercados para os fumos não manufaturados são: Bélgica, que absorveu 21,1%; Estados Unidos (17,1%); e Alemanha (9,5%). São vendidos, basicamente, fumos em folhas secas, sendo que as do tipo Virgínia representam quase 63%, e as do tipo Burley participam com, aproximadamente, 17% das vendas desse produto ao exterior.

## 2.3 Calçados e suas partes

Nas vendas externas de calçados e suas partes pelo Estado de janeiro a novembro de 2006, destacam-se as exportações de calçados de couro (US\$ 1.009 milhões) e de calçados de borracha e plásticos (US\$ 83,4 milhões), que representaram 84% e 7%, nessa ordem, do total do capítulo da NCM. Enquanto as vendas de calçados e suas partes para os Estados Unidos decresceram em 8,5%, para a União Européia elevaram-se em 13,7%, onde se salientaram os embarques para o Reino Unido, a Alemanha e a Itália.

Uma das grandes reclamações dos calçadistas diz respeito às restrições da Argentina, apesar de as vendas para esse país terem aumentado. No RS, esse incremento, de janeiro a novembro, foi impulsionado pelas vendas de calçados de couro e de têxteis, uma vez que os calçados de borracha e plásticos tiveram uma diminuição do faturamento.

Em 2005, foi firmado um acordo entre Brasil e Argentina limitando as importações argentinas provenientes do Brasil em 13,5 milhões de pares e instituindo o regime das licenças não automáticas das suas importações, o qual propiciou um desvio de comércio que beneficiou os fabricantes asiáticos. Em 2006, foi assinado um novo acordo, dispondo que, até 30 de junho de 2007, 75% das importações argentinas (entre 20 milhões e 22 milhões de calçados) serão provenientes do Mercosul, o que permitirá o acréscimo de até 22% no número de pares exportados para o país vizinho (Dutra, 2006).

### Calçados de couro natural

Os valores das exportações gaúchas e brasileiras decresceram, respectivamente, em 3,4% e 3,0%, devido à redução das quantidades embarcadas, a despeito do incremento do preço médio. Assim, para manter o faturamento com exportações, os empresários têm priorizado a fabricação de produtos de maior valor agregado, com alta tecnologia, *design* e marcas próprias. Aliados ao câmbio desfavorável e à carga tributária elevada, são também considerados como relevantes problemas para a indústria calçadista a concorrência chinesa e o contrabando. Os principais destinos dos calçados de couro gaúchos continuam sendo os Estados Unidos e o Reino Unido.

## 2.4 Complexo soja

Tendo em vista as inter-relações entre os três produtos que compõem o complexo soja, estes são analisados em conjunto. No RS, verificou-se um grande incremento nas exportações dos produtos da soja em 2006, com destaque para a soja em grãos (557,5%). Contudo é importante ressaltar que, enquanto as vendas externas gaúchas de óleo de soja e de tortas de soja (ou farelos) foram crescentes, as nacionais diminuíram, quando comparadas com igual período do ano anterior, elevando a participação estadual nas vendas brasileiras desses produtos. Essa discrepância de comportamento deve-se à reduzida base de comparação no Estado, pois o ano de 2005 foi marcado, fundamentalmente, por problemas climáticos que comprometeram a produção e a transformação da soja gaúcha.

### Soja em grão

O aumento do valor exportado em 2006 deveu-se ao elevado incremento na quantidade vendida (619,4%), motivada pelo maior volume de soja disponível para exportação, tendo em vista a forte quebra de produção gaúcha no ano anterior, em consequência de uma prolongada estiagem. Já o preço médio do produto diminuiu em 8,6%, em decorrência, de acordo com Bouças (2006), da excessiva oferta no mercado, com grandes volumes no mercado físico devido à colheita nos Estados Unidos, e das previsões de clima favorável ao plantio da safra de verão sul-americana. O principal destino da soja em grão gaúcha continua sendo a Ásia, em especial a China, que absorve mais da metade do valor do grão vendido ao exterior, seguida de Taiwan (7,7%) e do Oriente Médio, com destaque para o Irã (14,4%) e os Emirados Árabes (3,3%).

### Torta de soja

Os aumentos no valor devem-se ao incremento do volume transacionado no exterior de 19,2%, pois os preços internacionais decresceram. Os principais mercados foram: Coréia do Sul, Austrália, Espanha e Arábia Saudita.

## Óleo de soja

O incremento da quantidade vendida de óleo de soja em bruto ao exterior (51,5%) pelo RS foi o responsável pelo crescimento das vendas, pois os preços permaneceram relativamente estáveis. O principal mercado do produto foi o Irã, com uma participação de 52,1%.

## 2.5 Plásticos e suas obras

A Argentina é o principal destino de produtos plásticos e suas transformações, absorvendo cerca de 31% do valor comercializado no exterior. Os polímeros de etileno e de propileno em formas primárias representaram 72% e 14%, respectivamente, do faturamento desse capítulo, onde se sobressaem o polietileno e o polipropileno, que são os principais produtos da segunda geração da cadeia produtiva de plástico exportada pelo Estado.

### Polímeros de etileno em formas primárias

As principais mercadorias exportadas foram o polietileno de alta densidade, o polietileno de baixa densidade e o polietileno de baixa densidade linear, que são insumos para as indústrias de tubos e mangueiras, embalagens, frascos de produtos, fraldas, dentre várias outras. No RS, as vendas em valor cresceram estimuladas pelos incrementos do preço e da quantidade embarcada em 2,8%.

## 2.6 Veículos

No capítulo de veículos, que inclui os automóveis, tratores, etc., suas partes e acessórios, cabe ressaltar, no RS, as vendas de tratores, partes e acessórios de automóveis, bem como as carrocerias para veículos, que, juntos, representaram 82% do valor comercializado desse capítulo no exterior. Em nível do País, a representatividade desses produtos é menor, tendo em vista as significativas exportações de automóveis.

## Tratores

Os tratores apresentaram uma redução do valor comercializado no Estado (26,4%) muito maior do que em nível nacional (1,1%). Os principais destinos foram: Argentina, EUA, México e Venezuela. Esses quatro mercados decresceram suas compras de tratores, em especial os EUA e a Venezuela, que se reduziram em 61,4% e 29,8% respectivamente, de janeiro a novembro de 2006, quando comparadas com as dos primeiros 11 meses de 2005.

## Partes e acessórios de veículos

Ao contrário do que ocorreu em nível nacional, as exportações de partes e acessórios para tratores e veículos automóveis apresentaram um pequeno decréscimo do valor no RS (0,7%). Os principais destinos das vendas gaúchas foram: EUA, Argentina, África do Sul e México.

## Carrocerias para veículos

São exportadas basicamente as carrocerias para veículos que transportem 10 ou mais pessoas ou para carga. Os principais mercados foram: México, Chile, África do Sul e Peru, sendo que este último apresentou um acréscimo de, aproximadamente, 180% nas aquisições de carrocerias gaúchas.

## 2.7 Couros

As exportações totais do capítulo atingiram US\$ 461,7 milhões de janeiro a novembro, apresentando um acréscimo de 19,2% em relação ao mesmo período de 2005. Os principais mercados de destino foram: Hong Kong, Estados Unidos, Itália e China, que, juntos, absorveram 63% do montante exportado em couros e peles. Assim como em nível nacional, os couros bovinos gaúchos exportados representam cerca de 94% do valor dos couros vendidos ao exterior. E, até novembro de 2006, o valor e a quantidade embarcada ao exterior já eram superiores aos de todo o ano de 2005. Os couros podem ser classificados, segundo seu grau de elaboração, em salgados, que representam apenas 0,1% do valor das vendas do capítulo, preparados (*wet blue* e *crust*) ou acabados.

## Couros preparados

Esses couros elevaram suas vendas em 35,3% e abrangem os couros curtidos ou *crust*, que são mais elaborados e representaram cerca de dois terços do valor vendido ao exterior desse produto, e os *wet blue*, com apenas o primeiro estágio do curtimento, que participaram com o terço restante.

## Couros acabados

Os couros acabados representaram 59,7% do valor do total de couros embarcados pelo RS e cerca de um terço das exportações brasileiras de couro bovino acabado. O principal mercado foi Honk Kong, que absorveu 27,4% desse tipo de couro.

## 2.8 Móveis e suas partes

As vendas ao exterior de móveis do RS apresentaram uma taxa de incremento de 3,3%, enquanto o valor nacional vendido decresceu em 7,0%. Os móveis de madeira são os mais comercializados no exterior, em especial os para quarto de dormir. Os principais destinos foram: EUA, Reino Unido, Chile e Argentina. Enquanto as vendas para os EUA decresceram 33,9%, para os demais países, o valor elevou-se, atingindo 44,5% para o Chile.

## 3 Considerações finais

Alguns aspectos relevantes ocorridos ao longo de 2006 ainda merecem referência, visto trazerem reflexos sobre o desempenho das exportações gaúchas, se não diretos, pelo menos indiretamente.

O primeiro deles é que a alta concentração das exportações gaúchas em poucas empresas foi ainda mais intensificada, uma vez que, nos primeiros 11 meses de 2005, as 40 principais empresas exportadoras do RS responderam por 56,9% do total das receitas de exportação do Estado, e, no mesmo período de 2006, essa participação elevou-se para 58,6%. Em âmbito nacional, o nível de concentração permaneceu estável nos dois períodos, em torno de 42%.

Outro aspecto é a ainda inconclusa Rodada de Doha, cujas dificuldades para fechar o acordo, especialmente no que se refere aos produtos agrícolas, trazem reflexos



negativos sobre o comportamento das vendas externas do RS, tendo em vista o papel relevante desses produtos na pauta exportadora do Estado.

Um terceiro aspecto diz respeito à taxa cambial. Tudo indica que a mesma deverá manter-se valorizada, exigindo esforços adicionais na busca de novas formas de inserção das exportações gaúchas no mercado internacional, levando-se em conta que a pauta de exportação do RS, por ser bastante intensiva no uso de mão-de-obra, dificulta a competitividade externa. Isto porque esses custos são estabelecidos em reais, ao passo que as receitas são cotadas em dólares. Ou seja, os custos mantêm-se em elevação, e as receitas, em queda para grande número de exportadores.

Finalmente, um último aspecto é a entrada da Venezuela no Mercosul, fato que poderá ter reflexos positivos sobre o futuro das exportações gaúchas, por tratar-se de um mercado potencial para produtos industrializados gaúchos.

## Referências

BOUÇAS, Cibelle. Alta “artificial” da cotação da soja preocupa mercado. **Valor Econômico**. São Paulo, p. B11, 30 out. 2006.

DUTRA, Carla. Argentina comprará mais calçados do Brasil. **Zero Hora**, Porto Alegre, p. 32, 13 out. 2006.

MOREIRA, Assis. Brasil e União Européia fecham acordo para carne de frango. **Valor Econômico**. São Paulo, p. B12, 27- 29, out. 2006.

ROCHA, Alda do Amaral. Rússia protela retomada das importações de suíno. **Valor Econômico** São Paulo, p. B11, 10 ago. 2006.